

INTERNACIONAL

Cai principal viaduto da Venezuela

Colapso aconteceu na estrada que liga a capital a porto e aeroporto

Norman Gall, diretor-executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, de São Paulo. Email: ngall@braudel.org.br

ESPECIAL PARA O ESTADO

No domingo, o grande viaduto responsável pela principal ligação da Venezuela com o mundo exterior partiu-se ao meio. Foi o fim das esperanças de uso da autopista de 17 quilômetros que liga Caracas ao porto de La Guaira e ao aeroporto internacional de Maiquetia, na costa caribenha. O viaduto mergulhou no profundo desfiladeiro de Tacagua, levantando uma enorme nuvem de poeira. Um estudante universitário que passava por ali contou: "Foi como o colapso do World Trade Center em Nova York, que vi na TV, com a diferença de que desta vez eu estava lá. O viaduto se quebrou como um biscoito, com um barulho atordoante."

Nas últimas décadas, infiltrações de água e esgoto de favelas provocaram deslizamentos de terra sobre a autopista, refletindo o colapso geral da infra-estrutura e logística no país todo, graças à falta de manutenção. O vice-ministro de infra-estrutura disse que "a pressão de 14 milhões de toneladas de terra foi incontrolável, fazendo o arco do viaduto dobrar para cima e quebrar, apesar de ter sido reforçado". O deslizamento aumentou o perigo para a favela de Nueva Esparta, comunidade num morro de onde vieram muitas das infiltrações. "Ninguém se recusa a sair", disse um dos moradores remanescentes. "Mas o governo não nos dá dinheiro suficiente para que encontremos um novo lar."

"O velho viaduto se entregou", anunciou o presidente Hugo Chávez em seu programa de TV semanal, Alô, Presidente. Chávez tem sido criticado nos últimos meses por ter nomeado seis ministros da infra-estrutura em sete anos de governo sem enfrentar o problema. O presidente completou: "Vamos lhe dar uma salva de palmas, para que ele descanse em paz. Até certo ponto, o velho viaduto era um obstáculo à construção de um novo. Viva o novo viaduto". Na verdade, o novo viaduto ainda se encontra num estágio inicial de planejamento. Chávez então prosseguiu com seus costumeiros insultos ao presidente George W. Bush, chamando-o de "covarde, torturador, terrorista, alcoólatra e burro".

Em 4 de janeiro, os movimentos da terra provocaram rachaduras no viaduto que impediram o uso público. O fechamento da autopista, usada diariamente por 50 mil carros e caminhões, motiva enormes impedimentos e poderá ter custos pesados para a Venezuela em produção total e inflação. É um sintoma da negligência geral em relação à infra-estrutura básica do país, incluindo rodovias, pontes, portos e a rede elétrica. O porto de La Guaira e o aeroporto de Maiquetia eram responsáveis pelo grosso das importações, principalmente de bens de consumo, agora transferidos para o industrial Puerto Cabello, 150 quilômetros a oeste. As empresas aéreas suspenderam 40% de seus vôos e desviaram passageiros para aterrissar na cidade de Valencia. O tráfego pesado de caminhões e ônibus que sai desta região central terá de alcançar Caracas por outra rodovia deteriorada e pelo viaduto Cabrera, também correndo risco de colapso por cruzar um grande pântano.

A notícia da interrupção do tráfego foi recebida com indignação pública e preocupação com os efeitos da negligência em relação à infra-estrutura. "Durante anos, o colapso do viaduto permanecerá um símbolo vivo da total incapacidade do governo Chávez, depois de sete anos no poder, de concluir qualquer grande projeto para beneficiar o povo e a economia no longo prazo", observou o respeitado serviço noticioso

Veneconomia Semanal. "O país está ruindo fisicamente e danos estruturais de longo prazo estão sendo infligidos à economia."

A autopista, com dois túneis e três viadutos, era um dos projetos prestigiados da ditadura de Marcos Pérez Jiménez (1948-58). Como façanha da engenharia, ela era comparada ao Canal do Panamá e chamada de "estrada mais cara do mundo", concluída em 1953, a tempo para a 10.^a Conferência Interamericana de Ministros do Exterior, em Caracas. O viaduto caído era então a maior ponte de concreto arqueada das Américas. A autopista foi fechada porque os pesados pilares que apoiavam o viaduto cederam e racharam sob a pressão da terra deslocada durante décadas de vazamentos de esgoto dos assentamentos nas colinas à beira da rodovia.

Em 1987, enquanto os propriedades avançavam ainda mais ao longo das ravinas afluentes do Vale de Caracas, engenheiros descobriram que esses movimentos de terra ameaçavam derrubar o viaduto. Desde aquele ano, a ameaça ao viaduto e à autopista, por causa dos deslizamentos e infiltrações, foi enfrentada por 18 ministros de obras públicas nos últimos cinco governos. Duas comissões e três licitações públicas, com propostas de várias companhias de engenharia, não resultaram em nenhuma ação, num clima de intensa rivalidade e intriga. "Consultei vários especialistas que me disseram que, embora houvesse problemas, o viaduto duraria mais um tempo. E ele durou mais 12 anos", disse César Quintini, ministro de Obras Públicas por quatro meses, em 1994. "No início de 1994, o governo teve de enfrentar a crise financeira resultante do colapso de vários bancos. O orçamento foi cortado e os novos projetos, adiados." Enquanto isso, a rodovia ficou mais perigosa com falhas da iluminação pública e freqüentes assaltos. No começo de seu governo em 1999, Chávez cancelou um contrato com um consórcio mexicano que previa uma via alternativa, incluindo um novo viaduto, a um custo baixo em comparação ao desafio que enfrenta agora o governo.

Outras grandes obras públicas construídas durante os últimos 50 anos deterioraram-se por falta de manutenção. Pesquisas do Colégio de Engenheiros da Venezuela mostraram que entre 60% e 70% das estradas do país encontram-se num estado "crítico" de deterioração. Estruturas extremamente enferrujadas deixam a maioria das pontes em risco de colapso. As interrupções do fornecimento de energia elétrica são comuns, apesar do enorme potencial hidrelétrico da Venezuela. A desintegração da infra-estrutura é vista como um sinal do fracasso institucional, do desperdício, da negligência e da corrupção que floresceram nos anos do boom econômico.